

António Braz Teixeira

O essencial sobre

A FILOSOFIA PORTUGUESA  
(SÉCS. XIX E XX)

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

# I

## INTRODUÇÃO

Não ignorando nem menosprezando o que há de necessariamente artificial em qualquer periodificação, que apenas como instrumento analítico deve ser usada, visando uma melhor ou mais adequada compreensão de qualquer fenómeno ou manifestação espiritual, afigura-se, contudo, não ser de todo ilegítimo ou arbitrário distinguir cinco períodos ou ciclos relativamente bem individualizados no percurso da especulação filosófica portuguesa entre o início do século XIX e o final do século XX.

Assim, o primeiro destes ciclos teria o seu início em 1803, com a publicação do primeiro tomo das *Memórias Políticas* do lente de Direito Pátrio da Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra Joaquim José Rodrigues de Brito, obra inserida numa linha de pensamento em que o sensismo setecentista se funde,

pela primeira vez, entre nós, com uma orientação reflexiva de recorte assumidamente utilitarista e de firme recusa do criticismo kantiano, vindo a concluir-se, em meados de Oitocentos, com a morte de Silvestre Pinheiro Ferreira e com a adesão de Vicente Ferrer Neto Paiva, lente de Direito Natural na Faculdade de Direito conimbricense, ao racionalismo espiritualista de livre inspiração krausista, que procurou conciliar com a doutrina do direito de Kant.

O ciclo seguinte tem o seu marco fundador com a publicação, na revista portuense *A Península*, por um jovem lente de matemática da Academia Politécnica do Porto, Pedro Amorim Viana, de uma série de artigos sobre as conferências do Padre Ventura de Raulica, interrogando, criticamente, não só a possibilidade dos milagres como os principais dogmas do cristianismo, trazendo, deste modo, para o centro do debate filosófico um conjunto de problemas como a ideia de Deus, o problema ou mistério do mal, o conceito de razão, as relações entre razão e fé, filosofia e religião e filosofia e ciência, que, três lustros depois, desenvolvidamente abordaria na sua obra capital *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé* e em torno dos quais iria centrar-se, longamente, a nossa meditação durante vários decénios, ao mes-

mo tempo que dava origem ao que se convencionou designar por «Escola portuense», reconhecida espinha dorsal da filosofia portuguesa posterior.

O terceiro ciclo inicia-se em 1912, com a criação do movimento portuense *Renascença Portuguesa* e com a publicação de *O Criacionismo*, de Leonardo Coimbra, e de *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, de Teixeira de Pascoaes, e nele o conjunto de problemas e de interrogações que havia dominado o período anterior acha diversas e complementares respostas superadoras, através de uma sua formulação simultaneamente mais rigorosa, mais exigente e mais radical, ao mesmo tempo que os problemas antropológicos tendem a adquirir lugar proeminente.

Por seu turno, o quarto período ou ciclo tem o seu momento fundador em 1943, com a formulação, por Álvaro Ribeiro, do *problema da filosofia portuguesa*, em que irá centrar-se boa parte do debate filosófico nos decénios seguintes, sendo também durante ele que os principais discípulos de Leonardo Coimbra darão expressão pública às suas diversas mas convergentes construções especulativas, dotando de criadora e inovadora continuidade a tradição filosófica portuense.

Finalmente, o quinto período tem o seu momento inicial em 1981, ano em que, por um lado, com a morte do filósofo de *A Razão Animada*, de algum modo se encerra o ciclo anterior e a noção e a realidade da existência e significado da filosofia portuguesa deixa de constituir problema, nos termos em que Álvaro Ribeiro o formulara, e, por outro, com a realização do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, aquele problema se amplia e se converte no da *filosofia luso-brasileira*, fundado no reconhecimento da incindível relação entre pensamento e palavra, filosofia e filologia, que torna modalidades ou expressões situadas de uma mesma e mais vasta realidade especulativa as filosofias portuguesa e brasileira e não pode deixar de ter em conta o diálogo, expresso ou implícito, que entre elas se vem travando ao longo do tempo.

## ÍNDICE

I — Introdução .....	5
II — Primeiro período: 1803-1850 .....	9
III — Segundo período: 1850-1912 .....	18
IV — Terceiro período: 1912-1943 .....	49
V — Quarto período: 1943-1981 .....	70
VI — Quinto período: 1981-2000 .....	106
Bibliografia essencial .....	121